

“O corpo na poesia visual da obra “Nome” de Arnaldo Antunes”

BORGES, Nad Pereira Leite¹

Doutoranda em Estudos de Linguagens do CEFET-MG

Resumo: O presente trabalho tem por objetivo refletir sobre os modos de configuração do corpo em *Sol Ouço*, *Dentro* e *Tato* que compõe a obra *Nome* de Arnaldo Antunes apresentada em três formatos artísticos: poema, canção e vídeo. Considerando o corpo como a estrutura física dos seres, enfatizaremos sua presença nos poemas visuais. Este corpo que pleiteia (ou não) com outro: seja ele a palavra a ser trabalhada; as imagens; os sons; a linguagem; o sujeito poético e suas configurações (materializando seu próprio corpo ou o do outro a quem fala ou se refere). Por meio de relações marcadas por cicatrizes, arranhões, dores, odores, desejos e materialização; podemos ousar e dizer que o leitor identifica o seu próprio corpo nessas poesias. Assim, da fricção dos corpos surge outro corpo, construído de poesia, pela poesia e na poesia. E nessas diversas formas se relaciona a estrutura inalienável dos seres, inscrevem-se modos distintos de se perceber e conceber. Esse é o horizonte que margeia nossas observações neste trabalho.

Palavras-chave: Vídeo - poesia; Nome; Corpo; Arnaldo Antunes.

Abstract: This paper aims to reflect on the body configuration modes in *Sol ouço*, *Dentro* e *Tato* of Arnaldo Antunes presented in three art forms: poem, song and video. Considering the body as the physical structure of living beings, we emphasize its presence in the visual poems. This body pleads (or not) with another: it can be the words; the images; sounds; the language; the poetic subject and its settings (materializing his own body or the other who speaks or refers). Through relationships marked by scars, scratches, pain, odor, desires and materialization; we dare to say that the reader identifies his own body in these poems. Thus, from the friction of the bodies comes another body, built of poetry, by the poetry and in the poetry. And these various forms relate to inalienable structure of living beings, form part of different ways to perceive and conceive. This is the horizon that borders our observations in this work.

Keywords: Video - poetry; Name; Body; Arnaldo Antunes.

¹

Endereço eletrônico: nad.leite@gmail.com

1. O autor

Percebemos ao buscar as obra de Arnaldo Antunes, que elas possuem um grande diversidade: livros, discos, performances, artes visuais e trabalhos multimídias. E a liberdade com que o artista transita por essas diferentes plataformas dá grande singularidade à sua produção artística.

Músico, poeta, compositor e artista. É conhecido por como um dos principais compositores da música pop brasileira. Ingressou na faculdade de Linguística da Universidade de São Paulo (USP), mas devido à rotina de shows, turnês e gravações dos Titãs, não concluiu seus estudos. Deixou a banda em 1992 para dedicar-se a direção artística. Manteve-se certo tempo afastado da mídia e em 2002, formou juntamente com Marisa Monte e Carlinhos Brown, o trio Tribalistas, de grande sucesso no Brasil e na Europa, premiado em 2003 com o Grammy Latino de Melhor Álbum Pop Contemporâneo Brasileiro.

Em se tratando da obra eleita para este trabalho, *Nome* (1993), de Arnaldo Antunes, é um conjunto de poesias-músicas desenvolvido em diferentes suportes: vídeos, livro e CD/DVD. Trinta poemas musicais, muito breves, que se articulam em entre escrita, imagens e sons.

Nosso objetivo neste trabalho é traçar uma linha que possa, de alguma forma, apontar um ponto de convergência entre os vídeo-poemas que compõe *Nome*: o corpo como um dos alicerces de expressão poética.

2. Os vídeo-poemas

Sobre a relação entre a música, especificamente, o rock e a poesia de Antunes, afirma Memelli:

Enquanto fenômeno de cultura, o rock dispõe de seus próprios ícones e sua linguagem visual é carregada de elementos ligados à urbanidade, ao cinema, televisão, à publicidade e ao corpo, principalmente. O lado musical, roqueiro, do artista contribui para que sua poesia ultrapasse as barreiras que separam as diferentes linguagens artísticas que formam NOME. (MEMELLI, 1998, p. 221)

Dentre tantos poemas visuais, considerando que todos em suas peculiaridades apresentam imensuráveis possibilidades para esse estudo, adotamos como critério de escolha para este trabalho aqueles que apresentam imagens explícitas do corpo humano, planejando mais adiante aprofundar nossa pesquisa, acrescentando futuramente os demais poemas em um estudo mais abrangente.

2.1 Sol ouço²



“SOOOOL
OOUÇO”

Em “Sol Ouço”, o autor utiliza recursos visuais, verbais e sonoros. O título do texto não verbal reproduzido é **Sol Ouço**, que traz um efeito de trocadilho: sol ouço/solução. O jogo de palavras, a exploração do elemento visual e a linguagem não verbal, são as marcas mais evidentes, as mais perceptíveis ao primeiro contato.

O vídeo-poema começa com o som de um zumbido, ou chiado e logo após aparecem imagens de diferentes orelhas em sequência, dispostas na mesma posição. Em seguida surgem as letras S e L, e entre as mesmas alternam-se as imagens das orelhas, o que nos sugere - se considerarmos a figura da orelha com a função da letra O - a formação da palavra SOL. Logo após, vemos olhos e entre eles as letras U e Ç, que da mesma forma, considerando os olhos como duas letras O, temos OUÇO. Os olhos se sucedem e são mostrados em diferentes ângulos, ora abertos, ora fechados. O câmbio das imagens acelera à medida que o poema se aproxima do fim.

Podemos evidenciar uma dualidade: duas palavras constroem todo o texto e ainda estão contidas em seu título, as quais são “Sol” e Ouço”. Utilizando essas palavras e imagens, Arnaldo Antunes realiza um jogo sinestésico. Interessante observar que a palavra “Sol” acompanha a imagem da orelha, enquanto a palavra “Ouço” acompanha a imagem dos olhos. Se considerarmos os sentidos, temos os olhos, órgãos da visão que nos permitem perceber o SOL, e as orelhas estão relacionadas à audição. Sendo assim, podemos verificar uma contradição: olhos relacionados à palavra OUÇO e orelhas relacionadas à palavra SOL, convencionalmente, associaríamos os olhos ao sol e as orelhas ao verbo ouço.

Essa fuga do tradicional causa certa estranheza. Assim, notamos que há, no poema, uma brincadeira na disposição das imagens e palavras, um jogo com

² Voz e sampler de Arnaldo Antunes. Criação e animação de Arnaldo Antunes, Célia Catunda, Kiko Mistrorigo e Zaba Moreau

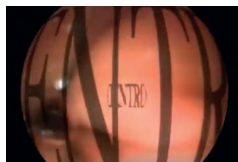
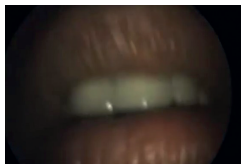
os sentidos do corpo humano.

Mais além, podemos também observar a formação de SOLUÇO, por meio da união de SOL e OUÇO. Se buscamos a definição desse vocábulo, encontramos: *1 Contração espasmódica do diafragma acompanhada de um ruído particular, produzido pela passagem do ar na glote.*

*2 Suspiro.*³ Assim temos: SOL, OUÇO e SOLUÇO, uma sucessão de percepções, usos distintos dos sentidos, como se esses aflorassem e causassem soluços, suspiros.

2.2 Dentro⁴

de
dentro
entro
centro
sem
centro
entro
dentro
de
dentro
entro
centro
sem
centro
dentro



O vídeo-poema intitulado “Dentro” inicia com a imagem de uma boca que se abre, e sugere que uma câmera é inserida através da garganta, como se fosse um exame endoscópico. Podemos evidenciar os dentes, a língua, a glote, a mucosa, a faringe, a laringe etc. A princípio, não há som algum, em seguida, aparecem simultaneamente as vozes e as palavras que sobrepõe as imagens, e também umas às outras. A câmera realiza um movimento de entrada e saída que vem de encontro aos vocábulos do texto poético: de/dentro/entro/centro/sem/centro, sugerindo o avanço e o retorno da máquina, que entra no corpo e vai dentro, até o centro. A palavra “dentro” é projetada como se saísse do corpo e é sobreposta por ela mesma várias vezes, sugerindo também o movimento do aparelho que entra e sai do corpo humano.

Arnaldo Antunes, consegue com o poema e a sequência de imagens - ao demonstrar cenas pouco agradáveis ao público em geral - causar certo asco,

³ <http://dicionariodoaurelio.com/soluco>

⁴ Voz e sampler de Arnaldo Antunes. Criação e animação de Arnaldo Antunes, Célia Catunda, Kiko Mistrorigo e Zaba Moreau.

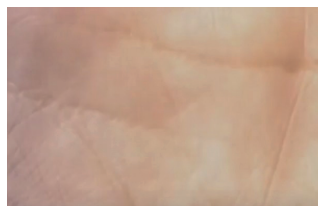
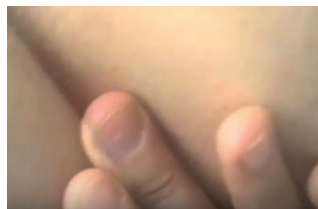
assombro. Podemos sugerir também, que apesar de despertar repúdio em um primeiro momento, desperta curiosidade e surpresa, ao oferecer a possibilidade do ser humano conhecer seu corpo por dentro. Nessa mistura de sentidos opostos evidenciamos a singularidade da obra do autor.

2.3 Tato⁵

o olho enxerga o que deseja e o que não
ouvido ouve o que deseja e o que não
o pinto duro pulsa forte como um coração
trepár é o melhor remédio pra tesão
um terço é muita penitência pra masturbação
a grávida não tem saudades da menstruação
se não consegue fazer sexo vê televisão
manteiga não se usa apenas pra passar no pão
boceta não é cu mas ambos são palavrão
gozo não significa ejaculação
o tato mais experiente é a palma da mão

o olho enxerga o que deseja e o que não
ouvido ouve o que deseja e o que não
depois de ejacular espera por outra ereção
o ânus precisa de mais lubrificação
por mais que se reprima nunca seca a secreção
o corpo não é templo, casa nem prisão
uns comem outros fodem uns cometem outros dão
por graça por esporte ou tara por amor ou não
velocidade se controla com respiração
o pau se aprofunda mais conforme a posição
o tato mais experiente é a palma da mão

o pinto duro pulsa forte como um coração
gozo não significa ejaculação
o ânus precisa de mais lubrificação
por graça por amor por tara ou pra reprodução
ouvido ouve o que deseja e o que não
velocidade se controla com respiração
trepár é o melhor remédio pra tesão
o tato mais experiente é a palma da mão
se não consegue fazer sexo vê televisão
o olho enxerga o que deseja e o que não
uns comem outros fodem uns cometem outros dão



⁵ Arnaldo Antunes – voz, violão, guitarra, baixo sintetizado, teclado e programação de ritmo. Rodolfo Stroeter – baixo elétrico. Peter Price – chocalhos de água.

O poema é recitado enquanto partes do corpo são mostradas em imagens bem ampliadas, como se a câmera fosse o olhar humano percorrendo minuciosamente o corpo e tocando-o. Podemos perceber a pele, os pelos, o cabelo, mamilos, seios femininos, mãos, mas há também algumas imagens que não conseguimos afirmar com certeza de que parte do corpo se trata.

Assim, surge um certo erotismo, uma referência ao ato sexual é feita tanto pela sucessão das imagens quanto pelo poema. Mais uma vez, percebemos o corpo como centro das sensações, o desejo, o sexo, o orgasmo e a até mesmo o surgimento de um novo corpo, gerado por uma possível gravidez.

No verso “o corpo não é templo, casa, nem prisão”, a palavra “templo” refere-se a um lugar sagrado, de adoração, portanto, o corpo não é visto como um objeto apenas para ser adorado e/ou usado conforme preconiza a religião. Mas, se não é “casa” e nela não pode se demorar, porque não está protegido. Por outro lado, também não é prisão, não pode impedir de conhecer e de fazer descobertas.

Ainda sobre o corpo, “uns comem, outros fodem, uns comem, outros dão”, sugere que ele pode ser diferentes coisas dependendo de como é visto: alimento, alvo de crime (cometem), aquilo que se dá ao outro espontaneamente.

Importante mencionar que enquanto o vídeo mostra imagens que insinuam o ato sexual, o texto por sua vez, faz referências mais diretas, apresentando palavras consideradas imorais como: “pinto”, “trepár”, “boceta”, “fodem”, etc. Dessa maneira, podemos dizer que o texto escrito e o vídeo trabalham na fronteira entre o erotismo e a pornografia, e o leitor/espectador é quem decide em que território – erotismo ou pornografia – vai colocar “Tato”, de acordo com sua interpretação, suas experiências, seus sentimentos. Por isso, o poeta avisa que o “olho enxerga o que deseja e o que não/o ouvido ouve o que deseja e o que não”.

Considerações finais

Considerando a pele como o envoltório do corpo, e a palavra como o invólucro do poema, observamos que se o corpo apresenta limites e a poesia de Arnaldo Antunes joga com esses. Quando não coloca literalmente em cena o corpo do poeta, mergulha numa vivência performática dos sentidos: tato, visões, audições. Os vídeo-poemas apresentam sequências de contato, de momentos de corporalidade que se interpõem. É como se o corpo estivesse em pleno transbordamento, antes de tudo, transgredindo seus limites fisiológicos (arrepio, asco, escarro, vomito, gozo etc). Como se o corpo não se contivesse e assim surgisse a verbalização da obra de Arnaldo Antunes. A vocalização mostra bem que, se existem a poesia e arte, existe também o corpo. Mostra que artistas contemporâneos sabem se adequar às novas tecnologias e fazer bom uso delas, não se limitando à imposição mercadológica atual.

As produções de Arnaldo Antunes diferenciam-se de qualquer outro voltado para o mercado fonográfico ou literário. Nessa obra, o artista não apresenta composições simples, lineares, agradáveis ao grande público. A princípio, pode causar até certa estranheza e rejeição em leitores desavisados, acostumados às

melodias doces mais tradicionais. Enfim, Nome, definitivamente não é para ser lido; é para ser percebido, explorado com os sentidos do corpo humano, de acordo com as habilidades e experiências de cada leitor.

Referências

- AMARAL, Jorge Fernando Barbosa. **O corpo da palavra**. UFRJ, 2009.
- ANTUNES, Arnaldo, CATUNDA, Célia; MISTRORIGO, Kiko; MOREAU, Zaba. **Nome**. São Paulo: BMG Ariola, 1993b. 1 fita de vídeo (53min); VHS; son., color., 12mm. VHS. Acompanha livro homônimo. 1993.
- ANTUNES, A. **2 ou + corpos no mesmo espaço**. São Paulo: Perspectiva, 2005.
- _____. **Tudos**. São Paulo: Iluminuras, 1998. Sem paginação.
- _____. **Entrevista**. [novembro, 1997]. Entrevistador: Heitor Ferraz. **Cult**, São Paulo, n.4, p.6-13, nov. 1997.
- _____. **Nome**. São Paulo: BMG Ariola Discos, 1993.
- BRANCO, Lucia Castello. **O que é erotismo**. São Paulo: Brasiliense, 2004.
- BARTHES, R. **O prazer do texto**. São Paulo: Perspectivas, 1987.
- GALVÃO, D.; POLITO, R. **Pelo corpo**. São Paulo: Alpharrabio, 2002.
- GIL, J. **Metamorfoses do corpo**. Lisboa: Antropos, 1997.
- MEMELLI, Antonio Fabio. “Arnaldo Antunes”: os nomes do homem”. In: **Contexto**. Revista do Departamento de Línguas e Letras. Mestrado em Estudos Literários. Vitória: UFES/CEG/DLL/MLB, Ano VI, 1998.
- PINTO, M. da C. **Antologia comentada da poesia brasileira do século 21**. São Paulo: Publifolha, 2006.
- ROQUETTE-PINTO, C. **Entrevistas**. Disponível em: <[Http://www.claudiaroquettepinto.com.br/entrevistas.html](http://www.claudiaroquettepinto.com.br/entrevistas.html)>. Acesso em: 10 julho. 2015.
- Nad Pereira Leite Borges: CV: <http://lattes.cnpq.br/4436111688119676>